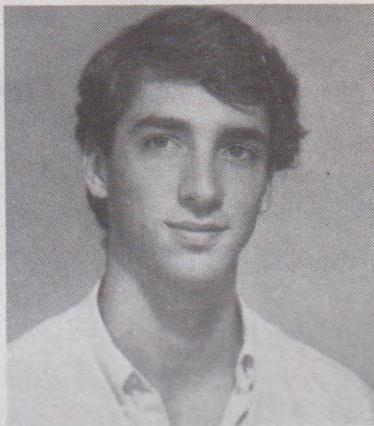


A minha utopia

António Pedro Graça



Utopia, s.f.-projecto imaginário; quimera; fantasia.

O Algarve é a única região do país à qual se aplica com propriedade o conceito de «Mediterraneidade». Somos do mediterrâneo por nascença, do atlântico por vocação, e só depois da Europa, por necessidade. O mediterrâneo explica um quadro climático singular, uma estrutura agrícola de espécies e técnicas interligadas, de solos secos e pobres. A água, sempre ela, é pouca e condiciona a vida nestas latitudes. Esta natureza que nem sempre favorece o homem meridional estabelece uma das premissas da cultura mediterrânica - a escassez.

Mas a escassez não é de modo algum sinónimo de ausência. O clima ameno permite, ao longo do ano, a presença constante de produtos frescos. O convívio com as diferentes variedades de legumes, hortaliças e fruta é apenas ritmado pelas diferentes estações do ano. A Páscoa e o Ramadão continuam a assinalar o começo deste ciclo anual. Na religião católica é o fim da Quaresma, da abstinência, do bacalhau e o início da Páscoa, a festa da ressurreição de Cristo. Os judeus assinalam a libertação do jugo egípcio com o cordeiro macho e o pão ázimo. Os muçulmanos libertam-se do sofrimento do seu profeta no deserto, sacrificando o cordeiro no Aid-al-Kebir. Festas grandes para a comunidade mediterrânica onde o consumo de alimentos acompanha a maioria dos acontecimentos sociais e religiosos com o seu ciclo próprio de evocações, a respeito das quais não se pode adoptar apenas as regras economicistas do mercado.

Mas também do ponto de vista da saúde o homem do sul tem uma maneira própria de pensar. Robert Southey em 1796, citado pelo investigador Carlos Veloso, fala assim dos nossos hábitos alimentares: «O próprio Apicius deve invejar os sentimentos de um católico na véspera da Páscoa. Depois de terem feito penitência durante quarenta dias, comendo só peixe e caldo magro, desforram-se quando o relógio bate as doze badaladas, e

diz-se que este festim da meia-noite lhes causa danos mais graves que todo o jejum anterior». A este catolicismo festivo-penitenciador do sul opõe-se a responsabilização directa do indivíduo sobre a gestão do seu corpo presente na tradição protestante anglo-saxónica.

Esta sensação de culpa em relação ao comer em demasia, aliada a novos conhecimentos que relacionavam a obesidade com o aparecimento de doença, levaram muitos investigadores a procurar um arquétipo de alimentação saudável. Assim, aparece em cena o homem mediterrânico na velha tradição do «Bom selvagem» de Rousseau. O homem mediterrânico vivia de forma simples em contacto directo com a natureza, ainda não corrompida pela industrialização, num clima quase paradisíaco. Apesar desta pobreza e da frugalidade da sua alimentação estes indivíduos apresentavam grande longevidade. Estas constatações levaram a que dois notáveis investigadores norte-americanos, Ancel e Margaret Keys propusessem o termo «dieta mediterrânica» no final da década de 50. Esta maneira de comer tem vindo a ser estudada nos últimos anos de forma lenta e ponderada, não só por motivos de validade científica (será que existe mesmo um padrão comum entre tantos e distintos países?) como também por motivos económicos (se o azeite é a gordura ideal o que fazer ao óleo de sementes produzido pelos países mais ricos, por sinal os que pagam a investigação científica?).

E, apesar de hoje em dia já quase não se encontrarem populações que sigam uma dieta típica mediterrânica, estando esta a ser substituída por um

padrão alimentar do mundo ocidental industrializado, penso que o Algarve poderia beneficiar se investisse num projecto alimentar que dinamizasse a ainda existente maneira de comer mediterrânica, adaptando-a aos tempos que correm, de forma pragmática, sem nostalgias do passado. Isto porque:

- Ao apostar num padrão alimentar baseado nalguns produtos tradicionais certificados fornece-se uma alternativa económica aos agricultores, sem a ameaça directa dos produtos comunitários, fixando-se as populações ao campo.

- Criam-se laços de solidariedade com outras regiões do sul igualmente interessadas em vender e promover estes produtos.

- Promove-se um padrão alimentar saudável capaz de induzir bem-estar nos recursos humanos de uma comunidade tornando-a mais concorrencial (porque a saúde também é prosperidade).

- Voltam a partilhar-se certos valores de convivência e coesão comunitária, pois a alimentação mediterrânica é acima de tudo a oralidade à volta da mesa.

O longo alcance e sentido estratégico deste movimento tem vindo a ser inteligentemente apoiado por governos regionais com grande sentido de estado como é o caso da Generalitat de Catalunya e do seu todo poderoso Institut Català d'Etudis Mediterranis.

Contudo, esta utopia acarreta riscos. O retorno aos produtos regionais tem de significar maior liberdade de escolha entre produtos alimentares e empresas portuguesas capazes de serem competitivas sem necessidade do subsidiozinho apadrinhado ao fim do mês. O retorno a uma certa tradição familiar na confecção de alimentos significa também partilha de funções no lar. E para família prefiro aquele conceito da era Clinton: um grupo de pessoas que, por alguma razão se amam. Isto porque há muita boa gente que começa logo a confundir as coisas...

Até breve